

Dialogismo, Polifonia e Interdiscursividade: processo de referenciação no curta Ilha das Flores

Romisson Eduardo Paulista¹ e Vanessa Cristina Andrade Leão²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Belo Horizonte, Minas Gerais, 30000-000, Brasil

eduardo.king@yahoo.com.br, vanessacaleao@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o processo de referenciação no curta metragem “Ilha das Flores” (1989), do cineasta brasileiro, Jorge Furtado, de forma a compreender os efeitos de sentido que são aludidos pelos “interdiscursos” que ecoam na construção da obra filmica. Para o que se pretende, apontamos alguns conceitos teóricos para o desenvolvimento da análise, como: dialogismo; polifonia; interdiscursividade e referenciação. Sendo assim o que se propõe é avaliar e analisar as estratégias presentes na obra “Ilha das Flores”.

INTRODUÇÃO

Partindo do objetivo geral de analisar e avaliar as estratégias de referenciação presentes no curta “Ilha das flores” (1989), do cineasta Jorge Furtado, este trabalho pretende evidenciar como tal processo é engendrado e os efeitos de sentido por ele produzidos. Considerando que o processo de referenciação é bem mais complexo do que um mero uso de palavras (categorias conceituais e referenciais), tal categoria se torna relevante para análise que se pretende. A referenciação está ligada a uma convencionalidade muito fluida, visto que os signos podem adquirir significados e sentidos os mais variados possíveis. Segundo Marcuschi (2004, p.269), “a nomeação e a referenciação são processos complexos que precisam ser analisados na atividade sócio-interativa”. O que se percebe nitidamente em “Ilha das flores” é que a questão não é apenas a definição do mundo através do material linguístico – que já é por si só complexo – mas também sua capacidade de contrapor aquilo que é dito e aquilo que é mostrado/referenciado através das câmeras, tornando o discurso não apenas dialógico, mas também dialético.

Sendo assim, este artigo pretende apontar e discutir, quando necessário, alguns pontos importantes, a nosso ver, na construção do discurso de ‘Ilha das flores’, sendo eles: o processo de referenciação verbal e visual; os interdiscursos e os mecanismos enunciativos.

1 PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO

Uma vez tendo escolhido ‘Ilha das Flores’ por *corpus* deste artigo, um dos aspectos que nos pareceu merecedor de análise foi o processo de referenciação instaurado no curta. A partir daí, elegemos, para fundamentar e dar início à nossa discussão, um dos artigos de Mondada & Dubois (2003), que aborda com muita propriedade o tema em questão.

As autoras começam apresentando duas vertentes para o processo de referenciação: a primeira, em que coloca em cheque a relação de correspondência entre significante (SE) e significado (SO), e a segunda, em que sugerem que o significado (SO) é construído pelo sujeito no momento da interação e varia de acordo com o contexto.

A idéia segundo a qual a língua é um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às

coisas tem atravessado a história do pensamento ocidental. Opomos outra concepção segundo a qual os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo. (MODADA E DUBOIS, 2003, p. 17).

Considerando que é através do processo de referenciação – categorização - que as atividades humanas, cognitivas e lingüísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo, Mondada e Dubois (2003) passam a tecer uma interessante discussão acerca da (in)estabilidade referencial que gira em torno das categorias e dos objetos de discurso quando afirmam que

as categorias e objetos de discurso são marcadas por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação. Existem, todavia, práticas que exercem um efeito estabilizador observável [...] que permitem manter e ‘solidificar’ categorias e objetos de discurso’. (MODADA E DUBOIS, 2003, p. 17). (*grifos nossos*)

1.1 A instabilidade das categorias

No intuito de fundamentar a hipótese de instabilidade constitutiva das categorias - cognitivas e lingüísticas - Mondada e Dubois (2003) recorrem às ciências cognitivas, que por sua vez pressupõem que o mundo autônomo, já discretizado em objetos ou ‘entidades’ existe independentemente de qualquer sujeito que se refira a ele, e que as representações lingüísticas são instruções que devem se ajustar adequadamente a este mundo.

E dizem mais. Segundo as autoras, as variações sincrônicas e diacrônicas dos usos categoriais comuns servem para confirmar o caráter instável das categorias. Para elas, a “variabilidade das categorizações sociais mostra que há sempre muitas categorias. (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 22 e 23)

Uma vez consideradas instáveis as categorias utilizadas para descrever o mundo, a referenciação passa a ser vista como uma ligação direta com o mundo só

ocorrendo, de fato, no momento da interação. Ou seja, as variações categoriais estão mais ligadas à pragmática da enunciação do que à semântica dos objetos.

A seguir, apresentaremos alguns fragmentos extraídos do curta ‘Ilha das Flores’ que além de mostrar a variabilidade e flexibilidade das categorias, servirão também para reforçar uma das afirmações das autoras que sustentam ‘*que o referente muda de acordo com o ponto de vista ideológico*’. (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 23). Vejamos:

‘Este papel, por exemplo, foi utilizado para elaboração de uma prova de História da Escola de Segundo Grau Nossa Senhora das Dores e aplicada à aluna Ana Luíza Nunes, um ser humano’

‘Alguns materiais de origem orgânica, como tomates e provas de História, são dados aos porcos como alimento’.

Neste primeiro caso temos um determinado elemento – prova de história – enquadrado em duas categorias distintas, por públicos igualmente diferentes. Para a aluna Ana Luíza Nunes, a ‘prova de história’ é apenas um **recurso didático**, em formato de papel que foi utilizado pela Escola de Segundo Grau Nossa Senhora das Dores para testar seus conhecimentos. Já no contexto de ‘Ilha das Flores’, esta mesma ‘prova de história’ servirá de **alimento** para os porcos.

O fragmento seguinte ratifica que ‘a administração (atores sociais) podem impor uma transformação categorial e que os objetos naturais podem ser desestabilizados e mudados por decisões políticas ou administrativas’. (MONDADA E DUBOIS, 2003, p.27).

‘O lucro, que já foi proibido aos católicos, hoje é LIVRE / para todos os seres humanos’

Neste primeiro exemplo, o ‘lucro’, antes condenado pela igreja, somava a lista de **proibições** do clero. Já nos dias de hoje, é considerado **livre** a todos os seres humanos, inclusive, católicos.

1.2 A estabilidade das categorias

Semelhantemente ao procedimento adotado na seção anterior, vamos dar início a essa discussão lançando, também, uma pergunta: existe algo no processo de referenciação que seja realmente estável?

Para responder a essa questão trazemos mais uma vez à cena, uma reflexão de Mondada e Dubois (2003):

Os nomes enquanto rótulos correspondem aos protótipos e contribuem para sua **estabilização** ao curso de diferentes processos. Em seguida, a nomeação do **protótipo** torna possível seu compartilhamento entre muitos indivíduos através da comunicação lingüística, e ele se **torna, de fato, um objeto socialmente distribuído, estabilizado no seio de um grupo de sujeitos**. Tal protótipo compartilhado evolui para uma representação coletiva chamada geralmente de estereótipo. (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 42). (*Destques nossos*)

Passaremos, portanto, agora a apresentar algumas formas de estabilização categorial apontadas pelas autoras e que puderam ser observadas no curta ‘Ilha das Flores’.

A **anáfora** é um dos recursos lingüísticos apontados pelas autoras para marcar a estabilização de uma categoria. Segundo elas, ‘esse tipo de fórmula confirmam ou reforçam, pela repetição, a utilização de certo descritor. Isto tem como efeito centrar a utilização deste descritor, de modo a estabilizar o objeto como prototípico’ (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 45). Vejamos um exemplo anafórico em ‘Ilha das Flores’:

*‘Os alimentos **que** dona Anete trocou pelo dinheiro, **que** trocou por perfumes extraídos das flores serão totalmente consumidos por sua família num período de um dia’.*

Outro recurso que também pode servir de estratégia para estabilização categorial é o **silogismo**. Segundo Goodoy (1977) ‘a escrita domestica o espírito’, muda radicalmente os modos pelos quais é possível compreender e pensar o mundo. A escrita permite dispor e ficar, dentro das relações espaciais, o fluxo temporal das palavras do discurso oral. Assim, por meio de silogismos, é possível estocar, memorizar, reencontrar os dados a serem manipulados cognitivamente, tal como organizá-los pelas formas que exploram sua disposição sinóptica e ordenada.

‘Os seres humanos são animais mamíferos, bípedes, que se distinguem dos outros mamíferos, como a baleia, ou bípedes, como a galinha, principalmente por duas características: o telencéfalo altamente desenvolvido e o polegar opositor’

Ainda, de acordo com Mondada e Dubois (2003, p. 47), as **listas lexicais** favorecem a emergência de uma norma que legitima e avalia a correção lingüística, pela qual o sistema lingüístico é estabilizado; e, ainda, elas favorecem a co-presença descontextualizada de unidades lingüísticas que deixam aparecer a possibilidade de considerar a língua como um objeto de estudo, de vê-la como um sistema, de desenvolvê-la espacialmente em suas relações abstratas e descontextualizadas. Se pararmos para observar o fragmento (70) de ‘Ilha das Flores’ veremos que este foi estruturado em formato de lista lexical:

‘Tomate / plantado pelo senhor Suzuki / trocado por dinheiro com o supermercado, / trocado pelo dinheiro que dona Anete trocou por perfumes extraídos das flores, / recusado para o molho do porco, / jogado no lixo / e recusado pelos porcos como alimento / está agora disponível para os seres humanos da Ilha das Flores’. (70).

1.3 Dialogismo, Polifonia e Interdiscursividade

Entre os conceitos caros aos estudos da linguagem estão: dialogismo, polifonia, interdiscursividade (interdiscurso) e intertextualidade. Nem sempre muito fácil de distinguir, quando uma coisa não é a outra, tal discussão não é meramente uma disputa por uma terminologia que abarque as considerações de Bakhtin. Antes, é uma constatação de que a linguagem em sociedade é uma rede de discursos que dialogam sempre, e que, a forma como os percebemos pode variar de discurso para discurso, uns de forma mais explícita outros de forma mais velada, todos trariam as vozes sociais que os constituem.

Segundo Brait (apud, CAVALCANTE, 2007, p.128), o **dialogismo** bakhtiniano ancora-se em uma dupla e indissolúvel dimensão:

por um lado [...] temos o dialogismo como um elemento que instaura a constitutiva **natureza interdiscursiva** da linguagem. Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o “eu” e o “outro” nos processos discursivos

instaurados historicamente pelos sujeitos. (BRAIT, 1997, p.98 apud CAVALCANTE, 2007, p.128)

De fato, o pensador russo deixa claro que a enunciação é produto da interação do locutor e do ouvinte, inseridos numa **‘situação social mais imediata’** e num **‘meio social’**, ambos influenciando seu discurso. Disso resulta que a significação é uma construção ideológica, sustentando, na linguagem, o princípio da prevalência do social (BAKHTIN 2006, p.106). Nesse modelo o discurso/linguagem é dialógico, polifônico, intertextual, interdiscursivo – formado sempre por mais de um sujeito – que sempre se encontra atravessado por discursos do outro.

Já a **polifonia** é em linhas gerais, as vozes que ecoam em um discurso, emprega-se o termo polifonia para caracterizar certo tipo de texto que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem/mascaram os diálogos que os constituem (BARROS, 2003, p.6)

A **intertextualidade** e a **interdiscursividade** concernem à questão das vozes. Na acepção de Fiorin, interdiscursividade não implica a intertextualidade, embora o contrário seja verdadeiro, pois ao se referir a um texto, o enunciador se refere, também, ao discurso que ele manifesta. A intertextualidade não é um fenômeno necessário para a constituição do texto. A interdiscursividade, ao contrário, é inerente à constituição do discurso (FIORIN, 2003, p. 35)

2 MECANISMOS ENUNCIATIVOS E REFERENCIAÇÃO: ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS EM “ILHA DAS FLORES”

O filme tem uma organização que lhe é própria, com vistas a uma intenção - já delineada pela instância produtora, a interpelar seu interlocutor que assistirá ao filme, portanto seu telespectador. O autor é o agente da ação de linguagem que se concretiza num texto empírico, aparentemente, é ele quem decide sobre o conteúdo temático a ser semiotizado, quem escolhe um modelo de gênero adaptado à sua situação de comunicação, é ele quem seleciona e organiza os tipos de discursos, quem gerencia os diversos mecanismos de textualização.

Defende-se aqui, que a mídia cinematográfica produz não só um discurso profissional, por fundar um domínio profissional, mas também um discurso social já que pressupõe o engajamento de “organizações” específicas dos membros das categorias sócio-profissionais que as estruturam. Dentro dessa discussão é relevante considerar a dimensão dos mecanismos enunciativos proposto por Bronckart (1999, p.319). Para o linguista, *os mecanismos enunciativos são os elementos que contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática do texto, explicitando, de um lado, as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático.*

3 O ENQUADRAMENTO ENUNCIATIVO: ÚLTIMAS ANÁLISES DO CURTA

Ao observarmos o enquadramento enunciativo do filme, um ponto importante para nossa discussão é o posicionamento enunciativo do enunciador. O posicionamento enunciativo representa o modo como se identifica o ângulo pelo qual são vistos os acontecimentos constitutivos da diegese (BRONCKART, 1999, p.325).

Na abertura do filme aparece claramente a voz autoral das instâncias produtoras da obra:

*“Este não é um filme de ficção.”
“Existe um lugar chamado Ilha das flores.”
“Deus não existe.”*

A utilização dos assertivos que abrem o curta aparece como considerações preliminares para o telespectador. *“Este não é um filme de ficção”*, pressupõe que o gênero filmico que se pretende é de um documentário. A asserção prepara o interlocutor para uma espécie de contrato preestabelecido, ou ainda uma advertência. A segunda asserção *“existe um lugar chamado Ilha das Flores”* aponta mais uma vez para o caráter factual que se pretende, a constatação é dada como verdade por essa voz que abre o discurso do curta. Como terceira asserção feita por esta voz autoral aparece *“Deus não existe”*, esta asserção coloca o interlocutor diante de uma opinião que o deixa numa posição relativamente incomoda, visto que a cultura ocidental tem o dogma que Deus existe, ou seja, discursos, crenças e ideologias são evocadas a partir desse enunciado, e nega algo em relação às crenças do interlocutor. São três asserções que abrem a cena enunciativa, de modo que elas serão reconhecidas como uma preparação para o conteúdo que se segue.

Num segundo momento, é apresentada a figura de um expositor representado socialmente pela figura do ator Paulo José, que se torna a voz que conduzirá a partir dali o discurso. Esse expositor se coloca juntamente com o interlocutor projetado na constituição da cena enunciativa.

Sob a figura de expositor, o enquadramento pode ser percebido pelos trechos a seguir:

“Estamos em Belém Novo, Município de Porto Alegre, estado do Rio Grande do sul...”

“Caminhamos neste momento numa plantação de tomates e podemos ver à frente, em pé, um ser humano, no caso, um japonês.”

Essa voz que conduz o telespectador e se coloca conjuntamente com ele na cena enunciativa, referencia através da linguagem os objetos que lhe são apresentados e também pela câmera, o que pode ser percebido claramente pelo uso dos verbos “estamos”, “caminhamos” e “podemos” e pelo uso dos dêiticos “neste”, “à frente”. Observe que alguns termos escolhidos pelo expositor para localizarem-se geram um efeito gradativo do menor para o maior – Plantação de tomate – Belém Novo – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Extremo sul do Brasil – numa dimensão espacial, o lugar desse enunciador é bem determinado. Observe-se que o tempo da enunciação também é fortemente marcado pelo uso do adjunto adverbial temporal – neste momento – o tempo próprio da enunciação, configurado sobre o tempo presente, tempo zero do mundo comentado.

A cena enunciativa apresenta um conjunto de referentes que serão categorizados no decorrer da enunciação. Isso pode ser exemplificado quando o expositor/enunciador ao apresentar a definição de “ser humano” traz a seguinte categorização:

“Os seres humanos são animais mamíferos, bípedes, que se distinguem dos outros mamíferos, como a baleia, ou bípedes, como a galinha, principalmente por duas características: o telencéfalo altamente desenvolvido e o polegar opositor.”

Configurando uma definição que remete ao domínio da biologia, a partir de uma descrição de traços

que categorizam o que venha a ser um ser humano, lhes são apresentados os traços como ser ‘mamífero’ e ‘bípede’, resguardando assim traços semelhantes a outros animais como baleias (mamíferos) e galinhas (bípedes), os exemplos extremos ‘baleias e galinhas’ são intencionais na medida em que o que se quer é evidenciar o que os distingue e não o que os aproxima. Os traços “telencéfalo altamente desenvolvido e polegar opositor” – marcados pelo modalizador ‘principalmente’ que configura um posicionamento avaliativo do enunciador apresentam tais características como sendo as responsáveis pela suposta superioridade dos humanos em relação aos outros animais. As relações positivas são evidenciadas pelo uso do verbo “distinguem” – que evoca sempre uma ideia de comparação – não para evidenciar aquilo que lhes é semelhante, mas sim aquilo que os contrapõem.

Observa-se que algumas expressões referenciais aludidas no corpo de todo o texto remetem a outros referentes que serão trazidos a cena enunciativa, que mesmo que apareça e sejam dados como conhecido pelo interlocutor são manifestados como se não os conhecêssemos, e o enunciador sentisse a necessidade de categorizá-lo de alguma forma.

“Quase todos os tomates produzidos pelo senhor Suzuki são entregues a um supermercado em troca de dinheiro. O dinheiro foi criado provavelmente por iniciativa de Gíges, rei da Lídia, grande reino da Ásia Menor, no século sete antes de Cristo. Cristo era um Judeu. Os judeus possuem o telencéfalo altamente...”

As expressões referenciais grifadas remetem a referentes que foram mencionados no texto e que apareceram como tópico da sentença que seguirá, são manifestados como se não os conhecêssemos, por exemplo, que Gíges foi provavelmente o criador do dinheiro, ou que Jesus era um judeu. Outras tantas apelam para um não conhecimento específico de informações que o enunciador imagina que todos os membros dessa comunidade cultural não possam facilmente acessar, sendo necessária a retomada do referente e sua categorização. Ao usar “os judeus” não seria necessário que o enquadrasse como portador de um telencéfalo e polegar opositor, na medida em que o reconhecemos como um representante da raça humana, assim como Japoneses – o senhor Suzuki – mas ao fazer tal retomada, o enunciador mais uma vez tece uma crítica – ou ainda uma “provocação” sobre seu público ao apresentar um conjunto de imagens do período do nazismo com milhares de judeus mortos.

Como se vê, a seleção de um ou outro recurso referencial não é ingênua: atende sempre aos propósitos discursivos do enunciador em contextos particulares de uso.

4 CONCLUSÃO

Esperamos ter mostrado, mesmo que ligeiramente, a partir do quadro teórico apresentado, como o processo de referenciação é importante na orquestração do discurso e compreende-lo como uma estratégia relevante para o desenvolvimento do discurso em Ilha das Flores. Sendo assim, no que diz respeito ao processo de referenciação o que pudemos constatar, através dos excertos apresentados, é que no curta, há um predomínio de categorias instáveis, visto o caráter de contraponto apresentado pelas imagens. O que reforçará o tom político do filme.

Outro ponto importante que pudemos observar e discutir, a partir da teoria bakhtiniana, é a potencialidade

de discussões político-sociais em Ilha das Flores. Como exposto, as categorias referenciais podem variar consideravelmente a depender da situação discursiva em que os agentes da linguagem estão envolvidos. Variando ou estabilizando-se a partir de fatores de ordem discursivo-enunciativa. Dai a pertinência da discussão de conceitos como dialogismo, polifonia e interdiscursividade, para a abordagem de um texto marcadamente ideológico, de engajamento político e social. Esperamos assim, mesmo que de maneira breve, ter contribuído para a compreensão da linguagem na relação do sujeito com os discursos da sociedade.

Finalizarmos declarando que o discurso de Ilha das Flores, mesmo se passando duas décadas, ainda é muito atual, o mundo do consumo e a indiferença governamental e social tem colocado porcos em escala superior a mulheres e crianças que possuem telencefalo altamente desenvolvido e polegar opositor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 2006.
- [2] BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Dialogismo, polifonia e enunciação**. In: BARROS, D e FIORIN, L (Org.). Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. Pag. 1-10.
- [3] BRAIT, Beth. **As vozes Bakhtinianas e o Diálogo inconcluso**. In: BARROS, D e FIORIN, L (Org.). Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. Pag. 11-28
- [4] BRONCKART, Jean-Paul. **Os mecanismos enunciativos**. In: BRONCKART, Jean-Paul. Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo / Jean-Paul Bronckart; trad. Ann R. Machado, Pericles Cunha – São Paulo: EDUC, 1999. Pag. 319-336
- [5] CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **Dimensões sociocognitivas do fenômeno da intertextualidade**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Ensaio sobre leitura 2. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2007.
- [6] FIORIN, José Luiz. **Polifonia Textual e Discursiva**. In: BARROS, D e FIORIN, L (Org.). Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. Pag.29-36.
- [7] FURTADO, Jorge., SCHMIEDT, Monica., BRASIL, Giba., GULART, Nora. **Ilha das Flores**. SCHMIEDT, M., BRASIL, G., GULART., FURTADO, Jorge. Casa de Cinema de Porto Alegre. Porto Alegre – RS. Documentário. 1989. 13m. Colorido.
- [8] MONDADA, Lorenza, e DUBOIS, Daniele. **Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação**. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. P. 17-52.